



Escrita de si, entre corpo e (in)cômodos do isolamento social

Danilo Silva de Meireles¹

Resumo: Este ensaio lança fagulhas reflexivas sobre questões vividas no corpo, de experiência pessoal, no período de isolamento social durante a pandemia do novo coronavírus. Com foco nos atravessamentos que competem à produção da escrita e na percepção dos (in)cômodos da casa como lugares de desdobramentos de afetos e angústias. Constitui-se enquanto texto de descontinuidades, característica da nossa condição humana, sem o propósito de ser aplicável aos outros, mas de existir como expansão de si na elaboração de percepções e modos de resistir e existir durante a pandemia.

Palavras-Chave: Escrita de Si. Corpo. Casa. (In)cômodos

Self-writing, between body and (in)cômodos of social isolation

Abstract: This essay launches reflective sparks about issues experienced in the body, from personal experience, in the period of social isolation during the pandemic of the new coronavirus. With a focus on the crossings that compete in the production of writing and the perception of (in)cômodos of the house as places of unfolding of affections and anguishes. It constitutes itself as a text of discontinuities, characteristic of our human condition, without the purpose of being applicable to others, but of existing as an expansion of the self in the elaboration of perceptions and ways of resisting and existing during the pandemic.

Keywords: Self-writing. Body. House. (In)cômodos.

Há dias que sou invadido por uma vontade “de dizer” que não cabe em mim, papel e lápis, bloco de notas do celular, a imensidão de uma tela em branco, qualquer espaço vazio me convida. [sussurros!]. Para minha grata surpresa, é domingo 24 de Maio de 2020, faz duas horas que acordei de um sonho escatológico, uma amiga avisa sobre a chamada de ensaios, vejo nesta possibilidade a chance de dizer.

¹ Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia - UFRN. Integrante do CORPOLÍTICA: Grupo de Estudos Interdisciplinares, Práticas Discursivas e Políticas dos Corpos, da UFRN, base do CNPq. João Pessoa, Paraíba, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7899-5250>. E-mail: meirelesdanilo9@gmail.com.



As palavras ficam palatáveis, como em Alice (2002): “beba-me, coma-me”. E cada vez que bebo percebo que encolho, que não sei, é preciso bem mais para poder falar, para escrever ao mundo, do meu mundo e a ele, os signos que aqui se organizam a fim de fazer algum sentido, dentro de um léxico, não é nada além de um jogo, como diria Foucault (2014) de violência para com as coisas que busco nomear na tentativa de dizer.

Submetidos à mesma forma, imposta pelo período pandêmico, vivenciamos formatos diferentes de um mesmo pandemônio, e é nesse contexto de forma e formato a partir do momento corrente que tenho pensado muito na (re)descoberta do meu corpo como espaço, dos outros corpos, dos (in)cômodos aos quais estes corpos estão atravessados e os sentimentos que afloram devido ao isolamento.

Saramago (1998, p. 09) diz “que é preciso sair da ilha para ver a ilha, não nos vemos se não sairmos de nós”, talvez esteja sendo esse o exercício que tenho feito, com uma diferença: para ver a minha ilha, a “saída” se deu para dentro, de modo que o isolamento obrigou-me delinear com mais proximidade e sensibilidade a ilha que abriga meus órgãos, a ilha que abriga meu corpo e logo mais a ilha que abriga todos os outros corpos – esta percebida quando olho da janela.

A ilha que abriga meus órgãos, mas que não se resume a isso, pois abriga algo mais que não ousou nomear a fim de não feri-lo, sobretudo com descrições cristianizadas. É algo que me parece estar preso à carne, e que sente pela carne as opressões e delícias do mundo. O corpo ao tempo que é prisão deste algo, é também o canal que o faz tocar o mundo das coisas. Esse algo fica em evidência quando o isolamento social (proposto pelas instituições de saúde como medida de enfrentamento sanitário ao novo coronavírus) se intensifica, e a ilha que é meu corpo, que transitava, movimentava-se, circulava, tocava outros corpos de outras tantas formas, vê-se então controlada, dirigida e esquadrihada.

Resta-me sair no ficar. É nesse ficar que o que tenho chamado de “algo” se manifesta na conquista da ilha que abriga meus órgãos, desde a manipulação dos alimentos para produzir minha comida, as ideias para o preparo, as técnicas, formas, cores, os cheiros, sabores, como acolho os erros de uma receita e também os acertos, de como vou absorvendo e observando as sensações no meu corpo, os (in)cômodos da casa e do meu corpo vão sendo percebidos.

Meu corpo e os espaços da casa, então, são atravessados por muitos sentimentos, de tristeza, de sofrimento, de alegria quando danço, canto ou coloco música pra ouvir, quando recordo de por o pé na areia das praias de João Pessoa, das reuniões com os amigos, da sensação de que só sou possível com o outro e na interação com eles, meu corpo se movimenta ou se aquieta com esses sentimentos-memórias. A forma como eu toco os objetos, como faço comida, como pinto minhas aquarelas e até como escrevo aqui, tudo isso



tem outro entendimento desde o início do isolamento.

Para uma breve contextualização, a primeira coisa que me perguntei para iniciar estas linhas foi: o que esse convite quer ser? Tenho feito esse exercício com as coisas a minha volta, quando junto meus lápis de cor, minhas aquarelas, quando olho para o teclado do computador, para um papel em branco ou mesmo atento para os pensamentos que estão se elaborando, tenho perguntado pra tudo "o que você está querendo ser?", e a partir daqui fui me ouvindo, ouvindo o algo, ouvindo as coisas a nossa volta e transformando-as no que elas queriam devir, de modo que as coisas foram se gestando e se parindo e passaram a ocupar um lugar que elas mesmas requisitaram para si.

Fiquei por muito tempo em silêncio me perguntando o que este ensaio queria ser, experiência e esforço reflexivo de uma pessoa, como ele queria existir e ser posto no mundo.

Retomando a vontade de dizer e ao "beba-me" de Alice, num encolhimento que não me acolhe, ao contrário, me transtorna, me sufoca e faz sentir pequeno - entendo Conceição Evaristo ao dizer que é preciso ter consciência ao trabalhar com as letras compreendendo que estamos lidando com a arte da palavra - encolhido o breu se instala, não é possível que sumam todas assim, e por mais esforço que se faça não se entregam, fazem-se aos poucos, aparecem e desaparecem, me atravessam. Sim, as palavras me atravessam! Rebolem-me por dentro, cavacam, não sou eu mais que desfiro violências na tentativa de dizê-las, são elas que me ferem por dentro, querem sair, tomar o mundo, o meu mundo, preencherem esse espaço em branco que precede a pergunta terrível do facebook: "no que você está pensando?"

O que falo é resultado de olhares e experiências cristalizadas na comum individualidade dos sujeitos humanos, mas aproximadas pelo acaso da pandemia, são olhares submetidos à mesma forma, mas de diferente formato ["acaso" seja entendido pela definição filosófica, que apreende a imprevisibilidade e a limitação do conhecimento humano].

Resgato os (in)cômodos da casa: meu corpo deitado se cansa das coisas que passam na TV, do monótono catálogo de filmes que me espreitam, o número de mortos e infectados que só cresce [e o inferno que é viver num país dirigido por um des(pre)zível(sidente) que alonga uma crise sanitária ao incentivar e desdenhar de mortes com a frase "é só uma gripezinha", não satisfeito engata uma crise moral, política, econômica e de segurança pública], o quarto tornou-se um lugar de tédio, de inércia sem limites, pois as horas de dormir e de acordar já não precisam ser controladas, dado que estou sem emprego e a pandemia assolou minha produção acadêmica, é no quarto, neste cômodo, que me incomodo de não ser produtivo, fecho as cortinas da janela para que a luz não incomode meu desengano. Essa mesma janela se abre sobre o mundo, nas primeiras horas dos dias em que resolvo esperar, uma luz de sol indireta enche o quarto, toca minha pele, o "algo" em mim desperta para outro tipo de sentimento, já não quero mais o quarto, quero outro cômodo,



a sala, onde recebia os amigos para a dispersarmos choros e risos, toque entre copos cheios que celebravam a vida e suas fases. Já é manhã e a vontade “de dizer” não se disse, de tão ingênua, converteu-se em não querer, porque as palavras não se entregam, e se se entregam é pra fazerem-me de besta, quando acho que as possuo, que as encontrei. Como orvalho, caem leve, no tornozelo de uma planta qualquer que cultivo em minha sacada, e logo se vão, se escorrem, escafedem-se!

Somem as palavras e ficam sentimentos sendo revirados, da sacada vejo: homens e mulheres pedalando e pilotando bicicletas e motocicletas, caixas de entregador nas costas, verdes e vermelhas, crianças a brincar nos quintais de suas casas e varandas, gente deitada na sacada tomando banho de sol, alguns que se arriscam correr subindo a rua, as sirenes das ambulâncias e viaturas anunciam que algumas coisas no mundo não param, dentre elas a violência.

Meu corpo se desloca para um dos lugares que sinto maior prazer em estar, a cozinha: nela faço alquimias, meus chás e encantarias, no dia que puder plantar um altar nesta casa certamente será na cozinha, é daqui que sai o alimento que nutre meu corpo e é aqui que se alimentarão meus guias. É aqui que obedeço ao imperativo “coma-me!” e as palavras soltas vão logo se juntando, se enlinhando, se amalgamam, não querem graça, só desejam tecer uma manhã, os galos cocoricoram, - João Cabral de Melo Neto (1994, p. 345) diz: “um galo sozinho não tece uma manhã; ele precisará sempre de outros galos, de um que apanhe esse grito e o lance a outro” – as palavras vão se tecendo, lançando-se umas as outras, e ao ponto de já estarem quase cruzadas o brilho do sol reluz nesses fios.

E quando recobro a consciência, este espaço, antes em branco, agora preenchido, diz de um não dizer, porque a vontade também era a de não começar por medo de violentar o mundo com palavras que não cabem.

Referências bibliográficas

EVARISTO, Conceição. Minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra. [Entrevista concedida a] Juliana Domingos de Lima. **Nexo**, 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pelacondi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>. Acesso em: 24/05/20.

CARROL, Lewis. **As aventuras de Alice no País das Maravilhas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida



Sampaio. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

NETO, João Cabral de Melo. Poema tecendo o amanhã. In: OLIVEIRA, Marly de. (Org) **João Cabral de Melo Neto obra completa**: volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SARAMAGO, José. **O Conto da Ilha Desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Como citar este artigo:

MEIRELES, Danilo Silva de. Escrita de si, entre corpo e (in)cômodos do isolamento social. **Áskesis**, São Carlos, SP, v.9, n. Ed. Especial, p. 18-22, dez. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9ee20.513>

Data de submissão do artigo: 19/06/2020

Data da decisão editorial: 17/08/2020